

O que é, afinal, uma boa escola¹?

GALENO, Sabrina. *Uma escola de luta: análise dos significados da educação em um estudo de drama social*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011.

Rodrigo Rosistolato²

O campo da análise educacional é tensionado por questões que transcendem a reflexão acadêmica *strictu sensu*. Diferente de outras temáticas, na educação sempre se espera que o pesquisador dê uma resposta ou indique um caminho em direção à boa escola. Ao mesmo tempo, sempre que entrevistei professores e profissionais da educação sobre as escolas em que trabalhavam, recebi respostas positivas e orientadas por oposições às outras escolas. O que é, afinal, uma boa escola?

O trabalho de Sabrina Galeno oferece sentido inovador para esta discussão. Orientado pela antropóloga Yvonne Maggie, o texto apresenta um olhar

certeiro sobre os atores e os processos sociais presentes em uma unidade escolar da Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro. Inicialmente, a autora pretendia analisar a implantação do programa Sucesso Escolar, criado pelo governo do estado, em uma unidade escolar. O objetivo do programa era melhorar o desempenho e a eficácia das escolas. Em seguida, movida pelos eventos proporcionados pela exoneração da direção da escola em análise, decide focalizar as interações promovidas por este evento naquele contexto. No decorrer do trabalho de campo, a autora pôde mapear conjuntos de concepções sobre as escolas e os sentidos da educação escolar. O texto aponta e analisa toda a multiplicidade

¹ Finally, what is the good school?

² Doutor em Ciências Humanas (UFRJ), professor do Programa de Pós-Graduação em Educação-PPGE e do Departamento de Fundamentos da Educação, da Faculdade de Educação da UFRJ.

presente nas ideias de “boa escola”. Sua resposta é simples, mas recheada de complexidade porque indica que aquela escola era vista como boa, mesmo sendo considerada uma das piores do estado quando avaliada pelo programa Nova Escola.³

O trabalho está dividido em quatro capítulos, além da introdução e das considerações finais. Foi agraciado com o prêmio publicação de dissertações do programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia do IFCS/UFRJ em 2012, e recebeu menção honrosa no concurso de dissertações de mestrado da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. No primeiro capítulo – o professor é como um legista – a autora descreve minuciosamente o colégio analisado e indica as classificações sobre os alunos e o ato de educar presentes entre professores e gestão. No segundo, uma escola de luta, narra o *Drama* iniciado com a exoneração da diretora e a chegada de uma equipe empossada pela Coordenação Central. Na sequência – o funcionamento da escola é a nossa cabeça – aprofunda as descrições e as análises das concepções sobre educação presentes “nas cabeças” dos personagens do cenário analisado. No capítulo quatro – a luta pela educação não é uma metáfora – explora o *Drama* vivido pela escola e indica os motivos que a

levaram a pensar a situação observada utilizando a proposta teórica de Victor Turner.

A aparente contradição entre as classificações da escola como “boa” ou “ruim” foi um dos eixos analíticos seguidos pela autora. Era necessário compreender este cenário, levando em consideração aquilo que os atores presentes falavam sobre a escola. Desta forma, com base em observações etnográficas e entrevistas com professores, gestores e alunos, Sabrina Galeno entendeu que uma boa escola não é, nas classificações nativas, necessariamente aquela que obtém maior desempenho em avaliações externas de aprendizagem.

Há, portanto, distâncias significativas entre aquilo que a gestão central do sistema educacional classifica como positivo e o que cada escola pensa sobre si mesma. A autora encontrou, inclusive, convergências entre as falas de professores, gestores e estudantes. O corpo discente também classificava a escola analisada como uma boa escola, porque era “puxada”, “rígida”, “difícil”. Alguns tinham clareza de sua futura reprovação por conta de tais peculiaridades daquela unidade escolar.

Enquanto a autora estava envolvida com estas questões, a escola passou por um momento classificado pela própria escola como de *intervenção*. A

³ Programa de avaliação de desempenho associado à bonificação.

diretora foi exonerada com a justificativa de má administração e a Secretaria Estadual enviou uma nova equipe de direção, que foi imediatamente vista como *interventora*. Este fato desencadeou uma série de fenômenos que Sabrina Galeno analisou utilizando, principalmente, a noção de *Drama* proposta por Victor Turner. Em que consistiu o *Drama*?

A diretora exonerada fora eleita democraticamente e utilizou este argumento para buscar apoio entre professores e estudantes. Ela recebeu adesão imediata do corpo docente e este convenceu o corpo discente a apoiá-la *na luta* contra a *intervenção*. Nesse momento a escola se uniu a ponto de todas as diferenças entre estudantes e professores serem deixadas de lado em prol *da luta* contra a Secretaria Estadual de Educação. Mesmo professores e estudantes que não gostavam e/ou não legitimavam a diretora foram convencidos de que apoiá-la seria o melhor caminho. Houve, nesta situação social, um aumento de coesão para o enfrentamento daquilo que os atores presentes na escola viram como um inimigo externo: o estado, o secretário e a nova equipe de gestão.

Esta coesão fez com que ninguém analisasse os argumentos utilizados pelo "inimigo externo" para exonerar a diretora. Na visão dos querelantes, não era necessário acompanhar o processo legal, porque a diretora tinha sido

eleita democraticamente e só poderia ser exonerada caso o conjunto de atores presentes na escola concordasse e participasse diretamente do processo. Esta percepção manteve *a luta* por período superior a três meses.

Desta forma, a permanência da diretora se transformou em objetivo maior do que a própria manutenção das atividades cotidianas da escola. Os professores não davam suas aulas, os estudantes permaneciam na escola, mas nada estudavam, e todos eram convocados para assembleias, passeatas e outras formas de movimento que demonstrassem a luta da escola contra o processo de "intervenção".

Ao final, houve uma acomodação entre a Secretaria de Educação e a Escola. Quatro meses após o início *da luta*, a Secretaria não reempossou a diretora exonerada, mas aceitou o envio de uma lista tríplice, com nomes eleitos pela escola, para que o secretário nomeasse um novo diretor, desta vez eleito, e acabasse com a intervenção.

A situação analisada revela uma característica do sistema estadual de Educação do Rio de Janeiro; embora exista uma gestão central, a escola analisada se pensava como uma unidade independente, autônoma, que deveria lutar contra o Estado para a manutenção de sua autonomia. Como a autora indica, "não importava

a razão, escola e governo estavam em lados opostos” (:84). Os atores sociais entendiam que, enquanto a escola *lutava* por educação, o governo estava apenas “defendendo ‘interesses políticos’ que em nada contribuiriam para uma educação melhor” (:85).

Há, na análise realizada por Sabrina Galeno, indicações sobre as peculiaridades de nosso sistema republicano quando o tema é a educação. Partimos do consenso nacional de que a educação deve ser para todos e de qualidade, mas enfrentamos dificuldades para definir o que é qualidade quando o assunto é educação. Na escola analisada, esta questão sequer foi colocada durante o *Drama*, porque o mais importante era defender *a escola*. Porém, antes do *Drama*, professores e direção indicavam que trabalhavam para alguns alunos e não para o coletivo de alunos, porque nem todos iriam aprender. Era natural, portanto, que alguns estudantes recebessem ensino de qualidade enquanto outros apenas passassem pela escola e obtivessem seus diplomas. Também era natural que estudantes fossem reprovados e afastados da escola. Os alunos simplesmente reprovados ou diplomados sem o conhecimento necessário eram percebidos como um dos resultados de uma escola de qualidade. A chave de entendimento é a seguinte: se a escola é boa, reprova muito. Uns e outros, no entanto, foram convocados para *a luta*. Para alguns,

todavia, lutar significava defender uma escola que os iria reprovar.

A principal qualidade do texto de Sabrina Galeno está na ausência de respostas simples para todas as questões complexas desenvolvidas durante o trabalho. Além desta, a utilização precisa de conceitos inseridos em tradições antropológicas e sociológicas permitiu uma análise refinada *naquela* escola, mas que não se limita à análise *daquela* escola. Ao final, percebo dois desafios. O primeiro é estritamente teórico, relacionado à reflexão sobre as regras universais do Estado brasileiro e seus confrontos com visões particulares, presentes nas mentalidades das pessoas que ocupam cargos no próprio Estado. O outro, fundamentalmente político, está localizado na necessidade de, em um sistema republicano, construir uma escola que seja de fato republicana. Como dar conta deste objetivo em um sistema no qual cada escola se percebe como única, autônoma e ainda vê o Estado como o inimigo público número um? Esta é uma das questões que o trabalho de Sabrina Galeno suscita. Só ela já valeria a leitura, mas há outras.